

Editorial

Informação: referência para modos de viver?



Neste número 19 da *Revista Portal de Divulgação* oferecemos aos leitores sete artigos e uma resenha que nos guiam em meio ao amplo panorama que se descortina, tendo como horizonte a crescente longevidade das populações, tanto em países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento.

Cada grupo humano, em seu tempo, lugar e cultura, tem um panorama próprio que faz com que o envelhecimento da população se

apresente com características peculiares. Nestes grupos estão os indivíduos com suas singularidades e subjetividades construídas ao longo da vida, incluindo as marcas culturais formadoras de uma identidade singular.

Portanto, tanto no *Portal do Envelhecimento* quanto na *Revista Portal de Divulgação* informamos sobre modos de viver, envelhecer e longeviver. É claro que em um panorama mundial de instabilidade, que fragiliza a todos e de modo mais cruel aos indivíduos idosos, estes temas tenham maior destaque.

No artigo *Políticas públicas de saúde para idosos no Brasil* o autor apresenta as diferentes leis e políticas que visam oferecer uma melhor qualidade no atendimento à saúde a este grupo. Indica, porém, que apesar de muitos avanços, a realidade destas ações está muito longe de atingir os objetivos propostos, apontando para as mazelas da realidade sociopolítica em nosso país.

Segundo ele, a informação seria a principal referência para prevenção, objetivando uma vida longa e saudável, e afirma que “os brasileiros devem entender que não é apenas quem está doente que deve procurar ajuda, mas também o que tem saúde e quer continuar sadio”. E propõe como slogan: “Vá ao médico para não ficar doente”.

Mas a saúde física, mental e social não depende só de programas de saúde integrados e eficazes. De fundamental importância é a abertura de espaços para que estes indivíduos mais velhos e aposentados se sintam inseridos e respeitados por todos. É este o caminho indicado no *Projeto Inclusão Produtiva na Terceira Idade* – “Fui moço... agora sou empreendedor, premiado pelo Talentos da Maturidade – na categoria Programas Exemplares – do Banco

Real / Santander, fazendo assim parte do conteúdo de artigos de nossa edição anterior, a 18, dedicada a projetos de tecnologias sociais inovadores no país.

Um dos estigmas sociais relativos a esta fase da vida é a inatividade e improdutividade – quase um crime em uma sociedade de consumo. Esquece-se que aquele indivíduo já trabalhou, pagou impostos e colaborou na formação social e familiar. Assim, o projeto tem como meta “estimular os alunos para a reinserção na vida socioeconômica, ao mesmo tempo em que desconstrói a ideia estigmatizada de idoso” e, neste sentido, são desenvolvidas atividades que favoreçam a qualificação e requalificação profissional.

O objetivo é implantar uma “cultura do empreendedorismo [...] visando novas formas de trabalho e complementação de renda, aproveitando o potencial conhecimento e experiência adquirida ao longo da vida dos beneficiários do projeto”. Os resultados muito positivos indicam para a continuidade e ampliação deste projeto que provou que ações que promovam o empoderamento deste segmento são benéficas para o indivíduo e a sociedade como um todo.

Nesta mesma direção o artigo *O “Olhar” da pessoa idosa acerca da participação em grupos de convivência: Contribuindo para melhoria na qualidade de vida?* confirma os benefícios que os grupos de convivência, mesmo que não focados na reinserção nas atividades produtivas e geradoras de renda, podem trazer na reinserção social por meio das atividades em grupo. No estudo realizado em um centro de convivência foi constatado que os idosos buscam e encontram no grupo um suporte afetivo e emocional, contribuindo para a saúde emocional e resgate da autoestima, aspectos confirmados nestes dois depoimentos:

[...] fui convidada por uma amiga [...] eu ficava em casa, era uma confusão, meus filhos brigavam o dia inteiro e eu não sabia o que fazer [...].

[...] passava o dia em casa com muitos problemas [...] depois que eu tive derrame ficou tudo mais difícil [...] começou muita preocupação. Tudo me irritava, ficava muito estressado. Agora me sinto muito mais calmo, muito melhor.

Muitas são as atividades de grupo que podem trazer benefícios para os idosos, em especial aos com alto grau de vulnerabilidade – os asilados. A palavra asilo tem uma conotação pejorativa, pois associada à denominação dos antigos hospitais psiquiátricos – os asilos de loucos - e / ou ao abandono e exclusão, também das crianças e de todos que apresentavam alguma dificuldade física ou mental. A denominação Instituição de Longa Permanência – ILPI, como hoje são chamadas as “casas ou residências de repouso”, não as tornam menos marcadas. Trabalhos realizados nestes locais visam, quando existem, exercitar física e mentalmente os idosos, mais com a finalidade preventiva às doenças e agravamentos do que uma socialização e escuta sensível destes.

O artigo *Escritas de si... Em nossas mãos* resgata um trabalho realizado desde 2003, e que tem como finalidade levar os participantes a uma reflexão sobre as trajetórias de vida por meio das narrativas autobiográficas - “escritas de si” - desvelando vozes “ocultas” a partir dos relatos orais. Estes trabalhos, realizados em centros de convivência ou ILPIs, com participantes de nível socioeconômico e escolaridade variável, se mostram desafiadores no momento em se propõe tornar o relato oral um documento escrito, como afirmação de cidadania e valorização dos sujeitos históricos que se constituem.

Neste ponto aparecem os escribas que se tornam as mãos daqueles que não conseguem escrever – os não alfabetizados; os com sequelas de diferentes patologias; os muito idosos que, mesmo alfabetizados, “perderam a prática” da expressão escrita, incluindo aqui os que a abandonaram por estarem institucionalizados. O artigo aponta os benefícios dessa abordagem para os idosos, beneficiados pelas escutas sensíveis e solidárias que se transformam em vozes registradas por “outras mãos”, como também para os profissionais-escribas que se sensibilizam com a força e significados destes relatos, o que os levam a ter outro olhar sobre os idosos e as questões do envelhecimento.

As narrativas autobiográficas tornam presentes fatos e acontecimentos vividos, ou incorporados, formadores das histórias identitárias dos sujeitos. Mesmo quando os fatos foram narrados por outros, mas que de alguma forma envolvem nossa história, eles são incorporados como parte de nossa experiência de vida consciente – o que me lembro (ou me contaram) de mim.

Quais são os registros impressos em nossa alma, e aos quais não temos acesso? Esta questão se apresenta e elucida em *Sonhos na Metanóia*. Nele a autora nos apresenta uma análise das crises da meia idade na perspectiva de Jung, que destaca a importância dessa transição - a segunda metade da vida – e parte da grande trajetória. Na metanóia – a crise da meia idade – os indivíduos devem buscar um encontro com sua alma que pode ser relevada através dos sonhos, uma “brecha” para o inconsciente, e que pode ajudar na busca de outras possibilidades da vida, por meio do reconhecimento, elaboração e superação de conflitos.

As crises não elaboradas podem, segundo alguns autores, facilitar a depressão considerada como uma “ante-sala” das demências. Segundo alguns estudos este processo não pode ser explicado apenas do ponto de vista biológico, mas sim em uma perspectiva mais abrangente e interdisciplinar. Mas e quando um quadro mais grave já está estabelecido, o que fazer? Quais os desafios que se colocam para familiares e profissionais?

Algumas questões abordadas nos artigos *Alzheimer: Informação, acessibilidade e investigação* e *Viver com um doente de Alzheimer* podem auxiliar as reflexões sobre este tema fundamental na longevidade.

No primeiro, as autoras relatam uma interessante estratégia adotada por um hospital de Dusseldorf, Alemanha, para tranquilizar pacientes que se tornam

agitados ou “fogem” do hospital pensando em voltar para casa - um ponto de ônibus falso com um banco onde eles sentam, e esperam o ônibus passar. Neste momento o serviço de cuidados é acionado e o idoso tem a companhia de uma enfermeira que conversa naturalmente com ele. Quando percebe que ele está mais calmo convida-o para um café, estratégia que, habitualmente, tem bons resultados. Segundo as autoras outras medidas não farmacológicas estão sendo desenvolvidas e aplicadas com grandes benefícios para os pacientes, cuidadores e familiares.

Para os familiares que assumem os cuidados de pacientes com Alzheimer os desafios são muito grandes, e com alto impacto na qualidade de vida e saúde dos cuidadores, como mostra uma reportagem publicada em uma revista francesa. Apesar de ser considerado um país desenvolvido, a França, assim como outros países, ainda não possui um sistema de cuidados abrangentes que possa dar mais suporte às famílias, como se evidencia nos relatos.

A resenha que fecha este número da *Revista Portal de Divulgação* nos apresenta as maravilhas e as armadilhas da tecnologia digital trazida pelo livro *Blackberry de Hamlet*. O autor da obra William Powers busca “saídas para limpar a mente do excesso de informação que a tecnologia trouxe com computadores e internet”.

A autora da resenha desta instigante obra afirma: “Assim como buscamos a evolução na nossa trajetória de vida, as tecnologias também trilham seus próprios caminhos, alguns vitoriosos, outros nem tanto, mas nada se faz sem o rastro e o aprendizado do vivido e experienciado no passado”.

Finalizamos e deixamos uma reflexão, para todos e cada um: Se não “limparmos” a mente do excesso de informação e das inúmeras demandas do mundo em constante e aceleradíssima transformação, onde encontrar espaço para um encontro com nossa alma? Como superar as crises sem reflexão? Qual será o “caminho do meio”, na busca de equilíbrio na grande trajetória de vida?

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras